

PRESENÇA DE ACADÊMICAS EM CURSOS PREDOMINANTEMENTE MASCULINOS EM UMA UNIVERSIDADE CATARINENSE

Juciele Marta Baldissarelli¹
Aline Henke²
Levi Hulse³
Leonardo Passarin⁴

Recebido em: 2 jul. 2020
Aceito em: 7 jul. 2020

Como citar este artigo: BALDISSARELLI, J.; HENKE, A.; HULSE, L.; PASSARIN, L. PRESENÇA DE ACADÊMICAS EM CURSOS PREDOMINANTEMENTE MASCULINOS EM UMA UNIVERSIDADE CATARINENSE. *Revista Visão: Gestão Organizacional*, v.9, n.1, p. 150-159, 2020. DOI: <https://doi.org/10.33362/visao.v9i1.2310>.

Resumo: A pesquisa teve por objetivo verificar qual é a percepção das acadêmicas de cursos predominantemente masculinos de uma Universidade situada no estado de Santa Catarina, em relação as diferenças entre gêneros e oportunidades no mercado de trabalho. Ao par da problemática de pesquisa, investigou-se a realidade de alguns cursos de graduação, sendo eles: Engenharia Mecânica, Engenharia Elétrica, Agronomia, Sistemas de Informação, Engenharia Civil e Engenharia de Controle e Automação, que são predominantemente masculinos. Para isso, aplicou-se uma pesquisa qualitativa e quantitativa, em que 46 acadêmicas mulheres responderam. Ao final, constatou-se que as acadêmicas dos cursos investigados, consideram que enfrentam preconceito relacionado ao mercado de trabalho. Já em relação ao ambiente acadêmico, a existência da diferenciação entre gêneros por parte de docentes ou colegas homens, é praticamente inexistente.

Palavras-Chave: Profissões. Mulheres. Preconceito.

■ PRESENCE OF ACADEMICS IN PREDOMINANT MALE COURSES AT A CATARINIAN

¹ Doutoranda em Contabilidade e Administração pela Universidade Regional de Blumenau (FURB), Mestre em Desenvolvimento e Sociedade pela Universidade Alto Vale do Rio do Peixe (UNIARP), formada em Comunicação Social - Licenciatura em Jornalismo. Professora da UNIARP. A pesquisadora agradece ao sistema de bolsas UNIEDU de Santa Catarina e ao FAP da UNIARP. E-mail: jucielemarta_baldissarelli@hotmail.com.

² Acadêmica do curso de administração da UNIARP. A pesquisadora agradece a bolsa FAP. E-mail: alinehenke@hotmail.com.

³ Doutor e Mestre em Ciência Jurídica pela Universidade do Vale do Itajaí- UNIVALI - SC, na área de concentração em Constitucionalismo, Transnacionalidade e Produção do Direito. Bacharel em Direito pela Fundação Universidade Regional de Blumenau FURB (2010) e graduado em História pela Fundação Universidade Regional de Blumenau FURB (2006). Advogado com a OAB/SC 31.986. Docente e pesquisador dos Programas de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Sociedade e Profissional em Educação da Universidade Alto Vale do Rio do Peixe – UNIARP. E-mail: levi@uniarp.edu.br.

⁴ Administrador. Mestrando em Desenvolvimento e Sociedade da Universidade Alto Vale do Rio do Peixe (UNIARP). E-mail: leonardo.passarin@gmail.com.

UNIVERSITY

Abstract: The research aimed to verify what is the perception of the students of predominantly male courses at a University located in the state of Santa Catarina, in relation to the differences between genders and opportunities in the job market. Along with the research problem, the reality of some undergraduate courses was investigated, namely: Mechanical Engineering, Electrical Engineering, Agronomy, Information Systems, Civil Engineering and Control and Automation Engineering, which are predominantly male. To this end, a qualitative and quantitative research was applied, in which 46 female academics responded. At the end, it was found that the academics of the investigated courses, consider that they face prejudice related to the job market. In relation to the academic environment, the existence of gender differentiation by male teachers or colleagues is practically non-existent.

Keywords: Professions. Women. Preconception.

INTRODUÇÃO

Gênero pode ser entendido como uma organização social construída sobre a percepção das diferenças sexuais imbricadas nas relações desiguais de poder, de tal sorte que, quando se discute essa questão, pretende-se debater e transformar a construção social e cultural das relações (LOURO; 1994, SCOTT; 1995). Desta forma, a referida pesquisa, aborda questões relacionadas a diversidade, mais precisamente a presença feminina em cursos de graduação de uma Universidade no estado de Santa Catarina, considerados tradicionalmente masculinos. Buscou-se no estudo, entender mais sobre como se constroem significados culturais acerca das diferenças entre homens e mulheres, retirando o gênero do campo da determinação biológica e posicionando-o no campo social e no contexto temporal histórico.

Segundo Bortolini (2002), sabe-se que as mulheres foram, por décadas, excluídas da participação da vida pública, estando atreladas às tarefas domésticas e ligadas aos cuidados com o lar e com a família. Contudo ocorreram mudanças significativas no mercado de trabalho durante o século XX, onde o gênero feminino passou a ganhar espaço na sociedade a partir de alguns movimentos sociais, que resultaram em alterações entre a diferenciação de homens e mulheres, atualmente as mulheres somam cerca de 40% da força ativa de trabalho mundialmente. As mesmas são maioria em todos os níveis educacionais, e estão buscando cada vez mais especializações nas mais diversas áreas.

Nesta investigação, buscou-se melhor compreender essas questões relacionadas a gêneros e graduação, apresentando dados descritivos obtidos por intermédio de pesquisa com mulheres universitárias. Desta forma, a primeira seção deste artigo, aqui concluída, destinou-se a apresentar, problematizar e justificar a importância do tema analisado. A segunda apresentará a revisão teórica, a terceira parte, explicará o perfil da população pesquisada, a quarta parte está a discussão e os resultados encontrados, e por fim as conclusões do estudo.

REFERENCIAL TEÓRICO

RELAÇÕES ENTRE ENSINO SUPERIOR, MERCADO DE TRABALHO E GÊNEROS

Para Geertz (1978), a cultura é a vivência em âmbito social, que leva em consideração as práticas cotidianas e as experiências compartilhadas. As práticas culturais são acontecimentos simbólicos, cujo os significados são dados pelas pessoas que vivem e compartilham essas experiências, e a partir da prática social as pessoas desenvolvem representações mentais que lhes dão as condições necessárias para suas ações e atitudes. Explicando no mesmo contexto, os seres humanos afim de atenderem suas mais variadas necessidades de ordem material, espiritual ou valorativa criam sua cultura, isto é fruto de uma série de vivências que se constroem coletivamente por meio de processos que são constituídos.

Para Scott (1995), as análises sobre gênero permitem interpretar outras relações sociais que evidenciam principalmente relações de poder, assim gênero passou a ser uma categoria histórica, usada para compreender como se estabelecem as relações sociais em uma dada sociedade. A dicotomia que determina características opostas para homens e mulheres traz várias implicações para as relações de gênero, que se manifestam de maneira desigual e possibilitam a dominação masculina.

Bezerra (2010, p.3) explica que a entrada das mulheres na universidade aconteceu primeiro nos Estados Unidos no ano de 1837, onde foi criada uma universidade exclusiva para mulheres. Foi no estado de Ohio que surgiu a primeira universidade feminina “Women’s College”, já no Brasil, o início do acesso ao ensino superior feminino aconteceu somente no final do século XIX. Souza e Sardenberg (2013, p. 4), comentam que no Brasil o direito pela inclusão da mulher no ensino superior foi a partir 1960, onde as mesmas tiveram maiores chances de ingresso, tendo sua presença de fato no ensino superior.

Em 1985, a expansão do ensino no Brasil continuou com a implantação da chamada “Nova República” e adquiriu contornos distintos. Segundo Beltrão e Alves (2009, p. 130-131), houve um grande crescimento das universidades privadas que ultrapassam os números de matriculados que as universidades públicas, essa expansão geral nas vagas no ensino brasileiro favoreceu especialmente as mulheres. A partir de então, as mulheres passaram a ser a maioria em todos os níveis de ensino do país, em especial no ensino superior, porém o maior desafio que enfrentam atualmente, não é apenas poder adentrar em cursos que ainda continuam com predominância masculina, mas sim o de conseguirem permanecer na universidade, especialmente nestes cursos considerados masculinos.

Nas últimas décadas do século XX, a história sofreu grandes transformações teóricas e metodológicas que direcionaram os olhares dos historiadores a temas e grupos sociais que, até então, estavam à margem dos estudos históricos, como as mulheres, por exemplo. A

história das mulheres, emerge como um campo de estudo, influenciada pelos novos interesses da disciplina histórica e pelas campanhas feministas. O aumento dos estudos sobre as mulheres nos programas de graduação fez com que a história das mulheres se consolidasse rapidamente no Brasil. Tratar da desigualdade de acesso à educação superior requer um olhar atento sobre a problemática histórica da discriminação e da exclusão social de diferentes grupos na sociedade brasileira.

Em relação à presença de mulheres na educação superior, a pesquisa indica os mesmos parâmetros das estatísticas nacionais, há predominância de mulheres matriculadas na educação superior, 60,9% do total dos participantes da pesquisa de campo. Observando os cursos nos quais há mais estudantes do gênero feminino, percebe-se que são aqueles cujas profissões são tradicionalmente ocupadas por mulheres (serviço social, fonoaudióloga, nutrição, secretariado, cursos domésticos, serviços de beleza, pedagogia, psicologia, enfermagem e terapia e reabilitação). (SANTOS; LOPES, 2011).

Entre 1950 e 1960, um crescente número de mulheres já tinha acesso à educação superior e introduzia-se no mundo da produção e do trabalho, embora em trabalhos inerentes a mulheres e sub-remuneradas, o que foi caracterizado como as novas formas de opressão da mulher na sociedade industrial (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 2004).

Dubet, (2001, p. 11), pontua que as mulheres não ganharam em todas as frentes e que a igualdade conquistada se reveste de novas desigualdades. Além das diferenças salariais, a diferenciação dos setores de emprego se manteve e até mesmo se aprofundou. Durante muitos anos as mulheres eram vistas como frágeis, onde deveriam seguir apenas profissões que não demandassem muito esforço, e habilidade de raciocínio lógico, porém nas últimas décadas do século XX, ocorreram grandes transformações no mundo do trabalho, onde o número de mulheres interessadas em ingressar nas mais diversas profissões antes denominadas “masculinas” cresceu consideravelmente.

Segundo Tedeschi (2008, p. 12) o olhar masculino da teoria filosófica, pensava a mulher como um objeto, ou seja, “criaturas irracionais, sem pensar próprio”, que deveriam viver sob o controle dos homens. Alguns autores nos trazem a ideia de que a divisão sexual do trabalho deve seguir uma ideologia naturalista, que sempre existiu e é aplicável e válida para todas as sociedades, entretanto, a relação entre os gêneros não se associa mais de forma biológica e sim social.

Nesse sentido, as relações sociais de gênero e a divisão sexual do trabalho são indissociáveis e os princípios de separação e hierarquização que a organizam são válidos para todas as sociedades conhecidas e costumam ser legitimados por uma ideologia “naturalista”, a qual compreende que a divisão sexual do trabalho está inscrita na ordem natural da sociedade e assim deve permanecer, sendo, portanto, imutável (KÉRGOAT, 1998).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa é de natureza quantitativa e qualitativa, em que utilizou-se de estatística descritiva. A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental. Os estudos denominados qualitativos têm como preocupação fundamental o estudo e a análise do mundo empírico em seu ambiente natural. Nessa abordagem valoriza-se o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo estudada (GODOY, 1995).

Diferentemente da pesquisa qualitativa, os resultados da pesquisa quantitativa podem ser quantificados. Como as amostras geralmente são grandes e consideradas representativas da população, os resultados são tomados como se constituíssem um retrato real de toda a população alvo da pesquisa. A pesquisa quantitativa se centra na objetividade. Influenciada pelo positivismo, considera que a realidade só pode ser compreendida com base na análise de dados brutos, recolhidos com o auxílio de instrumentos padronizados e neutros. A pesquisa quantitativa recorre à linguagem matemática para descrever as causas de um fenômeno, as relações entre variáveis, etc. A utilização conjunta da pesquisa qualitativa e quantitativa permite recolher mais informações do que se poderia conseguir isoladamente (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009).

Para a realização desta pesquisa, escolheu-se como público alvo, as acadêmicas de uma Universidade no interior do Estado de Santa Catarina, em que ocorre a incidência da maior parte de estudantes do gênero masculino e a minoria feminina. De acordo com dados da instituição, estão matriculados no primeiro semestre de 2019 entre dois Campis, 2.885 estudantes. Do total, a maior parte dos estudantes são mulheres, somando 1.694 acadêmicas e 1.191 acadêmicos. No entanto, percebe-se que em alguns cursos específicos existe predominantemente a presença de homens em detrimento a mulheres.

Desta forma, os cursos em que o questionário foi respondido pelas mulheres, foram aqueles em que se constatou a maior diferença entre os gêneros, sendo que o maior número de alunos deveria ser homens, conforme a Tabela 01. No total, conseguiu-se entrevistar 46 pessoas do gênero feminino.

Tabela 1 – Relação de cursos que constam com a maior presença de homens matriculados, menor presença de mulheres e maior diferença entre ambos.

Curso	Nº de homens	Nº de mulheres	Nº de homens a mais	Total de Estudantes
Engenharia Mecânica	127	18	109	145
Engenharia Elétrica	82	4	78	86
Agronomia	96	54	42	150
Sistemas de Informação	43	6	37	49
Engenharia Civil	95	61	34	156
Engenharia de Controle e	25	3	22	28

Automação				
-----------	--	--	--	--

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

A formatação e divulgação da escala foi por meio da ferramenta do Google forms (ferramenta para pesquisas online de domínio público, disponível na internet). O questionário foi enviado via WhatsApp para as alunas dos cursos de Engenharia Mecânica, Engenharia Elétrica, Agronomia, Sistemas de Informação e Engenharia Civil. A pesquisa foi iniciada em 2 de maio e encerrada em 31 de maio de 2019. Conforme o Quadro 1 retrata, as participantes da pesquisa, responderam 13 perguntas.

Quadro 1- Perguntas que compuseram a pesquisa.

QUESTIONAMENTOS
Qual curso frequenta?
Qual é o ano que você está cursando a faculdade?
O que motivou a sua escolha para esse curso?
Você teve apoio de sua família desde o momento da sua decisão?
Após iniciar a graduação, esta profissão continua sendo seu curso de preferência?
Quais as maiores dificuldades que você encontra no seu curso?
Como você considera seu convívio em um curso em que a maioria dos alunos são homens?
Com relação aos professores, você identifica diferenças de tratamento em comparação com os colegas?
Você já sofreu algum tipo de preconceito por ter escolhido um curso tradicionalmente masculino?
Caso já tenha sofrido ou perceba essa discriminação entre gêneros na profissão escolhida, quais delas são mais frequentes?
Quando se formar, você pretende fazer o que?
Depois de concluir sua faculdade, você espera ser reconhecida profissionalmente e financeiramente?
Com relação ao futuro, no exercício da profissão escolhida, quais são as suas expectativas?

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

PERFIL DOS RESPONDENTES

Conforme já citado anteriormente o estudo contou com 46 participantes da referida Universidade pesquisada, que frequentam os cursos citados no Tabela 1. Quanto ao perfil dos respondentes, a pesquisa contemplava apenas o gênero feminino, a faixa etária se concentrou de 20 a 25 com 82,2% (37), de 19 anos com 8,9% (4), de 26 a 37 com 6,7% (3), e de 38 a 51 com o menor percentual 2,2% (1). O estado civil, solteiras foi o que obteve maior percentual com 77,8% (35), seguido de casados (as), amasiado ou união estável 22,2% (10).

A respeito do curso que frequentam, a maior parte das respondentes são estudantes

do curso de Agronomia com 27,3% (12), seguido de Engenharia Civil 25% (11), Engenharia mecânica 18,2% (8), Engenharia elétrica 3,8% (3), Engenharia de controle e automação 4,5% (2), Sistemas de informação 4,5% (2), Educação física 4,5%(1), Ciências contábeis 2,3% (1) e Administração 2,3%(1). Já em relação ao período em que estão cursando na faculdade, maior concentração está no quinto ano 40,9% (18), quarto com 20,5% (9), terceiro e sexto com a mesma porcentagem de 13,6% (6) e segundo com 11,4% (5).

MOTIVAÇÃO PARA A ESCOLHA DO CURSO E DIFICULDADES ENCONTRADAS

A motivação pela escolha do curso foi diversificada, porém a maioria das respondentes optou por: sempre gostei da área de exatas 52,3% (23), considero uma área promissora 22,7% (10), tenho parentes próximos na mesma profissão 9,1% (4), ainda 4,6% (1) apontaram interesses, habilidades e competências e a família me incentivou 4,5% (2). Já com percentuais menores, foi descrito motivações como, tenho vivência no meio esportivo, é uma área que me identifico 2,3% (1), não abriu turma para o curso que queria com 2,3% (1) e amigos me incentivaram 2,3% (1).

Referente ao apoio familiar 70,5% (31), responderam que a família apoiou a decisão da escolha do curso, outros 29,5% (13), não tiveram apoio da família, pois queriam que seguissem outra carreira. Ainda foi questionado as estudantes se após iniciarem a graduação, esta profissão continua sendo o curso de preferência, e 88,6% (39), responderam que sim, já 11,4% (5), que não.

Entre as dificuldades encontradas na profissão escolhida com a graduação, o maior percentual apontou que as vagas de trabalho ofertadas na área são predominantemente masculinas 54,5% (24), além disso, pontuaram dificuldade de inserção no mercado 38,6% (17), que são poucas as oportunidades de estágio para acadêmicas 34,1% (15), por sua vez, 15,9% (7) das respondentes afirmou que não encontra dificuldades, por fim, o conteúdo do curso é muito difícil representa 6,8% (3).

Como é possível verificar nos resultados acima, em questão das dificuldades encontradas, a maior parte considera a predominância de vagas de trabalho para o gênero masculino, constando assim que existe preconceito e discriminação em questão de desenvolvimento e habilidades para cargos que podem ter o mesmo desempenho e conhecimento da parte feminina, vindo de contratantes e empresas que tem essa forma de pensamento.

Sobre o preconceito no meio acadêmico, como a maioria considera o convívio em um curso onde a maior parte dos alunos são homens, aponta ter boa convivência com os demais alunos 90,9% (40), ainda 9,1% (4) afirma que se sentiria melhor se houvesse a presença de um número maior de acadêmicas.

Em relação aos professores, foi perguntado se identificavam diferenças de tratamento

em comparação aos colegas homens. A maioria destacou que os professores tratam as mulheres da mesma maneira que os homens 75% (33), e um percentual inferior afirma que as mulheres são tratadas de maneira diferente 25% (11) pelos docentes.

Na mesma linha de preconceito, foi questionado se já haviam sofrido algum tipo por ter escolhido um curso tradicionalmente masculino e 54,5% (24) afirmaram que sim, 40,9% (18) que não e 4,5% (2) não souberam precisar ou preferiram não responder. A pesquisa questionava ainda, se caso tivesse sofrido discriminações entre gêneros na profissão escolhida, quais seriam as mais frequentes. Como resposta obteve-se que a discriminação por gestão de gênero (por serem mulheres) representa 59,1% (26), também um número expressivo afirmou que nunca sofreu discriminação 31,8% (14), ainda apareceu a discriminação financeira 11,4% (5), discriminação pela orientação sexual 6,8% (3) e discriminação racial 4,5% (2).

Ainda em uma das perguntas, foi deixado em aberto para que as entrevistadas pudessem exteriorizar o conteúdo das discriminações sofridas, seja no ambiente universitário, familiar ou profissional em função da escolha por profissões que tradicionalmente são masculinas.

Quadro 2 - Representa as discriminações sofridas pelas respondentes.

DISCRIMINAÇÕES RELATADAS PELAS RESPONDENTES
Em relação a notas, alguns professores beneficiam os homens porque as mulheres, "não sabem conteúdo"
O mercado de trabalho procura profissionais já com a categoria homem.
Ouvi: apesar de você se encaixar perfeitamente no perfil profissional que procuramos à vaga e é masculina.
Preferem os homens para trabalharem.
Ver uma tarefa que eu sempre fazia ser repassada a um homem por ser considerada risco que precisava ser feita com responsabilidade
Algumas pessoas, até mesmo outras mulheres, já subestimaram minha capacidade, por escolher uma área predominantemente masculina, falando que ali não era o meu lugar.
Ouvir a frase " mulheres são mais emocionais e homens são racionais".
O curso em si é muito mais masculino, demanda de força muitas vezes e as mulheres acabam por serem deixadas de lado na hora da contratação.
Um professor fez uma colocação afirmando que eu e outra colega de classe teríamos conhecimento inferior sobre determinado assunto pelo fato de sermos mulheres.
Perdi vaga de estágio, por ser mulher.
Em uma entrevista de estágio, claramente o engenheiro com quem iria trabalhar, preferiu homens. Na empresa que trabalho e em todas as empresas que já trabalhei, os homens falam de maneira diferente. Onde trabalho hoje, meu próprio chefe praticava o machismo, e depois de muitas conversas, (algumas brigas), ele percebeu que devia me tratar igual trata meu colega de trabalho, que são homens. Os maiores problemas na minha área e o machismo e o assédio. Porém cabe a mulher saber se portar e estar decidida a seguir essa carreira com isso eles veem que você não está ali apenas para dar um perfume diferente ao ar.
Frase muito ouvida: O que uma mulher irá saber sobre Mecânica?
Falta de educação da outra parte, e preconceito por o serviço ser desenvolvido por mim.

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando os dados coletados por intermédio da pesquisa aplicada, constatou-se que a maior motivação das acadêmicas por optarem pelos cursos com maior predominância masculina, foi por gostarem da área de exatas. Pode-se entender essa afinidade com a área de exatas, em função de que a maior parte dos cursos frequentados pelas mulheres entrevistadas, são justamente os de engenharias, ou seja, cursos que possuem sua base relacionada a cálculos matemáticos.

Em relação ao preconceito de gênero no ambiente de trabalho, algumas estudantes relataram que já ouviram frases como “preferimos homens para trabalhar” ou “o que uma mulher irá saber sobre mecânica?”. Tais circunstâncias levam a percepção de que mesmo aumentando os índices e a presença feminina em cursos que são tradicionalmente masculinos, as respondentes apontam que o mercado de trabalho apresenta preferências a homens em detrimento as mulheres.

Com a realização do presente estudo, foi possível verificar que em questão das dificuldades encontradas, a predominância de vagas de trabalho nas profissões pesquisadas é para o gênero masculino, constando que de fato existe preconceito e discriminação em questão de desenvolvimento e habilidades para cargos que podem ter o mesmo desempenho e conhecimento da parte feminina. Por outro lado, no meio acadêmico, foi possível verificar que é praticamente inexistente a presença de discriminação, tanto por parte de colegas homens ou de docentes.

REFERÊNCIAS

BELTRÃO, Kaizô Iwakami; ALVES, José Eustáquio Diniz. **A reversão do Hiato de Gênero na educação brasileira no século XX**. Cadernos de Pesquisa, v. 39, n. 136, p. 125-156, jan./abr. 2009. Disponível em: . Acesso em: 17 jan. 2017.

BEZERRA, Nathalia. **Mulher e Universidade: a longa e difícil luta contra a invisibilidade**. Conferência Internacional sobre os Sete Saberes, 2010, Fortaleza. Anais... Fortaleza: UECE, 2010. p. 1-8. Disponível em: . Acesso em: 10 mar. 2016.

BOBBIO, Norberto.; MATTEUCCI, Nicola e PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de política**. Trad. Carmen C. Varrialle, Gaetano Loiaí Mônaco, João Ferreira, Luis Guerreiro Pinto Cacaís, Renzo Dini. Brasília: UNB, LGE, 2004. 12. ed.

BORTOLINI, M. C. **"Breve visão sobre a gênese e a evolução das populações latino-americanas"**. Genética para que te quero? Porto Alegre, Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1999, pp. 57-61.

DUBET, François. **As desigualdades multiplicadas**. Rev. Bras. Educ. [online]. 2001, n.17, pp.5-18. ISSN 1413-2478.

GODOY, Arlida Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de administração de empresas**, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

LOURO, Guacira Lopes. **Uma leitura da história da educação sob a perspectiva de gênero**. In: Projeto Hidtória, 11. São Paulo: EDU/PUC-SP, 1994, P.31-46.

KÉRGOAT, Daniele. **“La division de travail entre les sexes”** In Kergoat, J. et al (orgs) Le monde du travail Paris, La découverte 1998, pp.319327.

SANTOS, Cristiane Aparecida Baggi dos; LOPES, Doraci Alves. Evasão e avaliação institucional no ensino superior: uma discussão bibliográfica. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior**, v. 16, n. 2, 2011

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. Unidade 2—A pesquisa científica. **Métodos de pesquisa**, v. 1, 2009.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. In: Educação e Realidade: gênero e educação. Porto Alegre. v. 20, n. 2, jul/dez, 1995.

SOUZA, Regis Glauciane Santos de; SARDENBERG, Cecília Maria B. **Visibilizando a mulher no espaço público: a presença das mulheres nas universidades**. Seminário Internacional Fazendo Gênero, 10., 2013. Anais... Florianópolis: UFSC, 2013. p. 1-13. Disponível em: . Acesso em: 10 fev. 2017.

TEDESCHI, Losandro Antonio. **História das mulheres e as representações do feminino**. 144 p. Campinas: Curt Nimuendajú, 2008.